



TEORICAMENTE
PRINCESA

ALYSSA COLE

Tradução
Fernanda Cosenza



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Alyssa Cole, 2018
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020
Todos os direitos reservados.
Título original: *A Princess in Theory*

Preparação: Roberta Pantoja
Revisão: Bárbara Parente e Franciane Batagin Ribeiro
Diagramação: Vivian Oliveira
Capa: Nadine Badalaty
Imagens de capa: Michael Frost Photography; ©trait2lumiere/Getty Images (stairs)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cole, Alyssa
Teoricamente princesa / Alyssa Cole; tradução de Fernanda Cosenza. – São Paulo:
Planeta, 2020.
304 p.
ISBN 978-65-5535-109-5
Título original: *A princess in theory*
1. Ficção norte-americana 2. Ficção romântica 3. Crianças adotadas - Ficção I. Título
II. Cosenza, Fernanda
20-2479 CDD 813.6

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana

2020
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

1

De: LikotsiAdelele@ReinoDeTesolo.te

Assunto: Saudações da Família Real de Tesolo

Cara srta. Smith,

Espero que você esteja bem. Eu, Likotsi Adelele, assistente de Sua Alteza Real, tenho procurado por você em toda parte nos últimos meses, por determinação do excelentíssimo – e curiosíssimo – príncipe Thabiso. Ele me incumbiu de encontrar sua prometida, e acredito que obtive êxito: é a senhorita. Por ser magnânimo, bondoso e compreensivo, nosso príncipe está disposto a limpar as feridas inflamadas do passado e permitir que elas cicatrizem. Para auxiliar nesse processo, por favor, envie os seguintes registros digitalizados: carteira de motorista, passaporte ou outro documento de identidade; histórico médico atualizado...

De: LikotsiAdelele@ReinoDeTesolo.te

Assunto: RES: RES: RES: RES: Saudações da Família Real de Tesolo

Olá mais uma vez, cara srta. Smith,

Dizem que a persistência é uma virtude, e eu me considero uma pessoa virtuosa, visto que já lhe escrevi diversas vezes e, mesmo sem obter resposta, continuei tentando. O príncipe deseja conhecer a mulher escolhida pela deusa Ingoka para ser sua noiva, e eu estou encarregada de fazer com que o desejo dele seja cumprido. Ocorre-me que talvez a senhorita tema as consequências dos atos teimosos e irracionais de seus pais, mas não se aflija. Tudo ficará bem... se a senhorita for, de fato, a mulher escolhida para ser a futura rainha de Tesolo. Tenho motivos para acreditar que a senhorita é a mulher que ele procura. No entanto, eu preciso, PRECISO, ter alguma prova da sua identidade antes de prosseguirmos. Eu não irei expor o príncipe à perfídia. Portanto, suplico que a senhorita: (a) me responda e (b) me envie...

De: LikotsiAdelele@ReinoDeTesolo.te

Assunto: ENC: RES: RES: RES: RES: RES: RES: RES: RES: Saudações da Família Real de Tesolo

Para a bondosa e gentil srta. Smith,

Talvez a senhorita não tenha recebido os e-mails que enviei ao longo das últimas semanas (ver abaixo). Não posso crer que tenha lido e ignorado meus apelos sinceros. Caso receie que o povo de Tesolo a tenha execrado devido à sua subversão, não se aflija. Apesar da quebra de confiança causada pelo egoísmo de seus pais, o contrato matrimonial, firmado perante a deusa e o governo de nosso povo, permanece válido. Conforme atestado em minhas mensagens anteriores (ver abaixo, caso já não o tenha feito após meu pedido anterior), embora eu acredite ser a senhorita a destinatária legítima deste e-mail, antes que possa apresentá-la ao príncipe Thabiso após tão longa ausência, precisarei de mais informações. Por favor, envie digitalizações de sua carteira de motorista, passaporte ou outro documento de identidade; seu endereço atual; número de RG e CPF...

— Eu realmente não tenho tempo para isso — resmungou Naledi, a irritação abafada pelo som agradável dos caros equipamentos de laboratório.

Ela deletou o e-mail da tela do celular com um golpe no ícone da lixeira.

As primeiras mensagens tinham sido divertidas, uma distração bem-vinda do restante da caixa de entrada, que consistia basicamente em lembretes do calendário sobre sessões de estudo, lembretes de pagamento do empréstimo estudantil, bases de dados a serem analisadas e outras evidências da vida de uma pós-graduanda. Os e-mails haviam deixado de ser um entretenimento à medida que os campos de assunto foram ficando mais urgentes, deixando evidente que não se tratava de uma coincidência: em algum lugar do mundo, uma golpista a escolhera como alvo. Era uma ideia perturbadora para uma pessoa discreta como Ledi, e provocava uma sensação de impotência bastante familiar para alguém que havia sido jogada em casas de estranhos durante boa parte da infância.

Ignorar os e-mails não tinha adiantado: a golpista tinha redobrado seus esforços, inabalável pela falta de resposta de Ledi. Ela considerou

bloquear todas as mensagens do remetente, mas parecia mais assustador *não* saber se estava ou não recebendo aqueles e-mails perturbadores.

Ledi deslizou os óculos de proteção por cima dos cachos grossos, que estavam penteados para trás e presos em um rabo de cavalo cheio, e revisou mentalmente sua lista de tarefas. Já tinha organizado o material necessário para os experimentos, preparado os slides e registrado os dados naquela manhã, então conseguiria até estudar um pouco.

Ela sacou da mochila no chão seu exemplar de *Epidemiologia moderna* e o colocou sobre a mesa. A princípio, equilibrar o emprego de assistente no laboratório com o de garçonete, além das aulas da pós-graduação, não parecera uma tarefa tão ambiciosa – Ledi estava acostumada a se dividir entre o trabalho e os estudos desde os treze anos. Mas ao sentir a tensão se acumular na nuca só de pensar nas provas finais, nos experimentos e no que mais viesse pela frente, ela começou a achar que talvez tivesse dado um passo maior que a perna.

Ela tinha tido a sorte de fazer a transição do programa de lar temporário do governo para a vida adulta melhor do que algumas pessoas que conhecera na mesma situação, mas sorte não era um fator estatisticamente relevante para planejar seu futuro. Ganhar dinheiro, por outro lado, era um plano de ação garantido, e ter várias fontes de renda era uma segurança da qual não podia abrir mão. Ela não tinha uma família a quem recorrer quando as coisas ficavam difíceis, e um único erro no trabalho ou na universidade poderia fazer desmoronar os planos de vida que ela havia feito tão cuidadosamente.

— Oi, Naledi.

Brian, do pós-doutorado, surgiu atrás dela.

Era muito “divertido” trabalhar com ele: no primeiro dia, depois de ela ter se apresentado, ele lhe pediu para jogar o lixo fora com mais frequência, pensando que ela fosse a faxineira. Ele constantemente explicava conceitos básicos para Ledi – apenas para Ledi – durante as reuniões do laboratório, enquanto pedia opiniões a Kevin, o novato, sobre como as coisas deveriam funcionar.

Ele era “diversão pura”.

Ledi se virou. Brian estava com o cabelo preto todo bagunçado e a barba por fazer. Ele parecia estressado, o que não era incomum, mas não costumava ser um bom sinal para Ledi.

— Oi, Brian — disse ela, tentando achar o tom agradável e respeitoso que funcionava com ele.

Ela odiava não poder simplesmente se dirigir a ele como um ser humano normal, mas *alguma coisa* o havia levado a dizer à dra. Taketami – a pesquisadora principal do laboratório e, portanto, sua chefe – que ela estava “sendo debochada” com ele.

Ledi não podia se dar ao luxo de ficar com fama de problemática.

Ela queria ser cientista desde que a professora da quarta série lhe dera um exemplar velho da *National Geographic*. Tinha ficado fascinada com a capa: uma mulher negra, igual a ela, olhando por um microscópio. Era uma cientista tentando descobrir a cura de uma doença misteriosa, e Ledi tinha extraído daquela imagem não apenas a noção de que desejava fazer o mesmo, mas também a de que *podia*.

Ela não tinha previsto as outras variáveis da vida de uma mulher na área científica: políticos que tratavam a profissão com desprezo, ameaçando seu futuro e o do planeta, ou colegas cientistas como Brian, que tratavam mulheres no laboratório como assistentes pessoais e não como pares.

— Como está hoje? — perguntou ela, no mesmo tom que as secretárias dos seriados populares de TV usavam para aplacar os chefes machistas. Brian sorriu; pelo visto ele também assistia a essas reprises.

— Na verdade, estou com o trabalho um pouco atrasado depois da conferência da Keystone. — Foi aí que Naledi reparou na pilha de papéis que ele tinha nas mãos.

Esse filho da puta, pensou.

— Ah, que pena — disse ela.

— Temos que fazer a inscrição para uma bolsa e estamos ferrados se perdermos esse financiamento. Já que você não está com muita coisa para fazer...

— Como você sabe se eu não estou com muita coisa para fazer? — perguntou ela, no mesmo tom educado, incapaz de se segurar.

Brian pigarreou.

— Bom, você está só sentada aqui.

— Kevin também está só sentado aqui. Ele está obviamente assistindo a um filme no celular — disse ela, inclinando a cabeça na direção do colega do outro lado da sala, que estava rindo do que quer que fosse. A

voz de Brian ainda estava calma e educada, mas ela viu suas sobrancelhas se franzirem de irritação.

— Olha, todo mundo tem que fazer trabalho braçal às vezes. É parte do jogo. Você por acaso acha que está acima disso?

Ledi puxou o ar. Ela dava duro, muito mais do que deveria, na verdade. Esse era o problema. Quando você trabalhava mais que o necessário o tempo todo, trabalhar o suficiente parecia corpo mole.

— Não — respondeu ela, em voz baixa. — Eu não acho isso.

Por que fui abrir a boca?

Ela aprendera logo cedo que desafiar as pessoas que tinham poder tornava você desagradável, e isso significava juntar suas coisas em um saco preto de lixo e ser mandada de volta para o orfanato. Ela engoliu em seco, empurrando a leve onda de náusea, e se lembrou da palestra para mulheres da área científica a que tinha assistido. Ela tinha que impor seus limites, do contrário as pessoas achariam que ela não tinha nenhum.

— Não tenho problema em fazer a minha parte, mas esta é a quarta vez que você me pede ajuda na inscrição para uma bolsa — explicou ela. — E deixa eu adivinhar: o prazo termina esta semana?

Brian assentiu secamente.

— Kevin nunca fez uma inscrição dessas para você — completou ela, com gentileza, embora estivesse cansada de ser gentil. Estava só cansada e ponto.

— Mais um motivo para você fazer — insistiu Brian. — Não vai cometer erros de principiante.

E isso encerrava o assunto; se continuasse a argumentar, estaria forçando a barra, e por mais que ela tivesse ouvido sobre agarrar as oportunidades sem hesitação, quando Ledi se atirava, em geral dava de cara com um muro que exercia força de igual intensidade em sentido oposto. Ela deveria ter ficado de boca fechada e só pegado os formulários com um sorriso.

— Claro. Vou começar já. Desculpe.

Ela guardou o livro de epidemiologia e pegou a papelada, fazendo um esforço para não amassar tudo em uma bola, enquanto Brian foi embora sem agradecer.

Ledi respirou fundo para se recompor.

Pós-doutorandos imbecis são passageiros, descobertas científicas são eternas.

Quando abriu os olhos, Trishna, parceira de laboratório e colega da turma de Saúde Pública, estava olhando para ela do outro lado da bancada de trabalho. Seu cabelo longo e escuro estava preso para trás, e os óculos de proteção ampliavam a expressão irritada.

— Ele é um babaca — disse Trishna, e Ledi se permitiu um breve momento de camaradagem antes de dar de ombros.

— Não é nada de mais — falou ela, com vivacidade. Sorriu para Trishna e torceu para não deixar transparecer o impulso homicida que estava sentindo.

— É demais, sim. Foda-se o Brian — completou Trishna. Ela levantou as sobrancelhas por trás dos óculos. — Ele provavelmente está com inveja do seu estágio com o dr. Kreillig na Força-Tarefa Epidêmica durante o verão. Parece muito irado. Força-tarefa! Igual àquele meme com o cara de óculos escuros segurando uma arma. “Estou aqui para mascar chiclete e curar doenças, e acabou o meu chiclete.”

Trishna pegou dois tubos de ensaio e os apontou ameaçadoramente pelo laboratório.

Ledi teria rido, se Trishna não tivesse trazido à tona mais um dos traumas da imensa bagagem que ela carregava. Ela mexeu nos papéis que Brian tinha deixado, mas sem prestar muita atenção neles.

— É, estou bem animada para aprender muito nesse verão.

O que realmente queria dizer era que o orientador dela, o dr. Kreillig, tinha parado de responder aos e-mails e de atender às ligações dela, e que, na verdade, ela não fazia ideia do que aconteceria com seu estágio no verão, mas compartilhar esse tipo de coisa não era do feitio de Ledi.

— Parece que a dinâmica na Força-Tarefa é ótima — acrescentou ela, para disfarçar. Era só fazer comentários vazios com um sorriso no rosto que as pessoas não percebiam que você estava embromando. — Eles fizeram um trabalho incrível isolando o surto recente de legionelose.

Ser extrovertida e amigável enquanto mantinha as pessoas a distância era instintivo para Ledi. Ela enxergava isso como a versão social de uma bicamada lipídica: flexível, dinâmica e projetada para manter as partes importantes dela separadas de potenciais ameaças do ambiente externo. Se vinha funcionando tão bem, e por tantas eras, para os

procariontes, também serviria para uma pós-graduanda falida, que estava apenas ligeiramente acima deles na cadeia evolutiva.

— Quando você começa? — perguntou Trishna.

— Ainda estou esperando uma resposta sobre isso. O dr. Kreillig é bem ocupado.

As duas coisas não deixavam de ser verdade.

— Hum, será que ele está ocupado com alguma epidemia? — Trishna sugeriu para ajudar. — Parece que no ano passado, quando os casos de Zika começaram a aparecer, ele sumiu por uns dias.

Ledi não desejava uma epidemia para ninguém, mas aquilo talvez explicasse por que não tinha notícias dele havia mais de uma semana. Uma semana parecia uma eternidade quando seu estágio, a tese que ele originaria e talvez o destino de toda a carreira dela estavam em jogo. Se ao menos o dr. Kreillig fosse tão motivado quanto sua golpista nigeriana – ou melhor, tesoliana, para ser mais específica –, ela não estaria naquela situação.

— E você? — perguntou Ledi, mudando de assunto.

— Ah, vou para o Maine na semana depois das provas.

O celular de Ledi vibrou, e uma mensagem de sua amiga Portia apareceu na tela.

Vai ter uma vernissage na galeria em que estou estagiando amanhã à noite. Vinho e queijos liberados! Você adora vinho e queijos liberados! 😊

Ledi adorava comida e bebida liberadas de todos os tipos, mas se fosse a essa vernissage, teria que se apertar na galeria de arte da moda com outras cem pessoas que também adoravam uma boca-livre. Provavelmente, também teria que lidar com Portia bêbada. Portia bêbada não estava na lista de tarefas quilométrica de Ledi.

Parece divertido, mas tenho que trabalhar no Instituto até às nove amanhã. 😬

Ah, que saco. De repente tomamos um drinque depois? 🍷

De repente!

De repente não. Portia era sua melhor amiga, mas Ledi estava exausta demais para lidar com farras regadas a álcool. Queria que a taça de vinho após um dia longo fosse uma forma de relaxar, não um prelúdio para uma noite de excessos. Não que tivesse nada contra os excessos, só não tinha tempo para eles – nem para o pico de ansiedade a cada vez que a amiga sacudia os braços para chamar um garçom ou ia de novo até o bar.

Portia exemplificava perfeitamente a necessidade de Ledi ter uma membrana social. Uma vez que alguém passava para o lado de dentro, Ledi não conseguia deixar de se preocupar, e a preocupação não trazia nenhum resultado concreto no mundo real, exceto esgotar sua preciosa energia.

Ah, você viu seu resultado no MeuTesteGenético? Sou 83% africana e 17% europeia. Tenho que ter uma conversa com a minha mãe e avisar que na verdade não somos descendentes de uma princesa *cherokee*.

Eita. Segura aí essa conversa. Você sabe que eu não acredito na precisão desses testes.

Durante algum evento promocional para influenciadores digitais, Portia tinha ganhado dois kits de teste de DNA e dado um para ela. Ledi ficou momentaneamente seduzida pela possibilidade de descobrir mais sobre seu passado, mas quando o e-mail com os resultados chegou, ela o deletou.

Que diferença fazia? Ela era 100% nova-iorquina, e isso era tudo que precisava saber. Sim, o banco de dados genético conectava você a possíveis parentes, mas...

Mas o quê? Ela sobrevivera a uma infância nada agradável, estava a caminho de se tornar uma epidemiologista incrível, e não precisava de nenhuma baboseira pseudocientífica para levar mais dúvidas à vida dela.

Ela estava bem.

— Tudo correndo bem com essa coisa da bolsa? — gritou Brian, do outro lado do laboratório. — Está conseguindo entender tudo?

Ele levantou os polegares como se isso fizesse parte da pergunta. Ela queria responder levantando um outro dedo para ele, mas em vez disso deu um sorriso largo e falso.

— Tudo sob controle — respondeu ela, alegremente, e desejou que fosse verdade.

De: LikotsiAdelele@ReinoDeTesolo.te

Assunto: URGENTE! CONTRATO MATRIMONIAL

À estimada srta. Smith,

Escrevo novamente na vã esperança de uma resposta. Apesar das infrações de seus pais no passado, a senhorita mantém a benevolente estima do REI LERUMO e da RAINHA RAMATLA do Reino de Tesolo, e seu contrato com o filho deles ainda é válido. É imperativo que entre em contato comigo imediatamente a respeito de seu noivado com Sua Alteza Real, o PRÍNCIPE THABISO...

Na noite seguinte, Ledi amaldiçoou os deuses do antispam mais uma vez ao entrar no conjugado em Inwood. Ela também amaldiçoou a si mesma por ter esquecido de jogar o lixo fora antes de se arrastar como uma sonâmbula até a biblioteca da universidade naquela manhã: o apartamento dela cheirava à comida chinesa barata que ela tinha comprado duas noites antes.

Largou a mochila no chão e pegou a sacola plástica que tinha ficado pendurada na maçaneta da porta. A vida dos vizinhos ecoava pelo corredor, junto com os passos dela a caminho da lixeira: a sra. Garcia do apartamento em frente, a viúva aposentada que gravava as novelas e assistia a elas no volume máximo toda noite, depois que chegava em casa do trabalho voluntário; Jayden e Ben, as crianças do 7C, que pareciam estar sempre rindo histericamente de alguma coisa; Boca, o papagaio que xingava em lituano toda vez que alguém passava pela porta do 7H.

Ela também sentia os diferentes aromas dos vizinhos: culinárias típicas de pelo menos quatro continentes, além da contribuição esfumada do *hipster* maconheiro que tinha se mudado algumas semanas antes.

A lixeira do prédio reunia todos os aromas comunitários, depois os fermentava e os amplificava. Ela prendeu a respiração ao entrar no cubículo, usando a manga da roupa para abrir a gaveta da lixeira infestada de

bactérias, e jogou fora as sobras dos ovos *foo yung*. Quando o celular vibrou no bolso, Ledi sentiu uma onda de irritação que quase a fez jogá-lo no lixo também. No entanto, seria apenas uma solução temporária para o problema da golpista inconveniente, e ela tinha trabalhado muito por aquele aparelho para considerá-lo descartável.

Ela tinha dado a sorte de conseguir um apartamento com aluguel congelado assim que se formou na escola, e o trabalho de meio período como garçoneiro no luxuoso salão de jantar do Instituto pagava muito bem, mas ainda assim o celular havia consumido uma boa parte de seu orçamento. Uma quantia que poderia ter sido destinada ao abatimento do empréstimo estudantil, ou pelo menos ao pagamento de alguns juros. Ela havia negociado uma boa taxa de juros, mas a financeira havia sido vendida para uma dessas empresas cujo único interesse era extorquir os coitados dos clientes, que não tinham conseguido pagar pelos próprios estudos à vista. Pensar em todo o montante que devia, e que continuaria devendo a várias entidades governamentais, fazia Ledi ter vontade de guardar o celular em segurança e se jogar pela lixeira.

E quem iria perceber se você fizesse isso, tirando os cobradores? E Portia?

Quando voltou para o apartamento, lavou bem as mãos na pia do banheiro minúsculo e desabou no futon.

Ela estremeceu. *Estou precisando mesmo de um colchão mais confortável.*

Já tinha juntado dinheiro suficiente para substituir o futon por algo melhor, mas o cérebro rejeitava a ideia de gastar, colocando o plano na categoria das coisas que a Ledi do futuro – que poderia pagar produtos desse tipo sem precisar conferir três vezes o saldo bancário –, poderia comprar. Ledi não sabia quanto dinheiro seria o suficiente para isso, mas tinha certeza de que ainda estava muito longe desse objetivo.

Ela se espreguiçou e fechou os olhos, bloqueando os pensamentos sobre dinheiro e o futuro incerto. O corpo doía depois de horas em pé servindo as pessoas no Instituto, e o cérebro tinha derretido de tanto estudar e tentar não se preocupar com o estágio.

Ledi dissera a si mesma para não ficar empolgada demais ao receber a oferta de Kreillig para estagiar no verão, porque a empolgação era só um nome diferente para expectativa, e a expectativa era o caminho mais rápido para a decepção. Mas então ela tinha lido um post no *garotasdeoculos.com* que falava sobre a desvalorização das próprias conquistas, em que a

autora pedia às leitoras para comentarem suas conquistas mais recentes. Sob o manto da anonimidade digital, ela postou “EU CONSEGUI UM ESTÁGIO FODA!!”. Tinha se deliciado com as curtidas e o encorajamento recebidos nos comentários, mas agora sentia que estava pagando o preço por isso com uma espera torturante pela resposta de Kreillig.

E ainda tinha a golpista, pensando que Ledi era louca a ponto de achar possível ser uma princesa...

Um chiado frustrado vindo do canto do apartamento interrompeu sua melancolia, e ela pulou da cama sentindo uma pontada aguda de culpa por ter falhado com alguém – ou algo – que dependia dela para sobreviver.

— Desculpe! Merda, vocês devem estar morrendo de fome!

Ela correu até a pequena gaiola que ficava perto da única janela do cômodo, com uma vista panorâmica para a parede de tijolos do prédio ao lado. Não era grande coisa, mas o destino de Gram-positivo e Gram-negativo seria acabar fatiado debaixo do microscópio de algum pesquisador, então ela achava que eles estavam agradecidos.

Os dois camundongos brancos pularam de excitação, pressionando as patinhas rosa contra o vidro ao verem Ledi se aproximando. Era sexta-feira, o que significava que ela tinha trazido do laboratório um rango rico em gordura.

— Isso mesmo, é do bom — disse ela, tirando o sanduíche da mochila e jogando as migalhas pela grade superior da gaiola. Eles chiaram de satisfação e correram para pegar a comida. — E aí, o que acham, pessoal? — perguntou ela, se apoiando na parede perto do peitoril.

Dois pares de olhinhos rosa a observavam. Gram-positivo parou de mastigar o pedaço que tinha nas mãos, como se esperando que ela continuasse.

— Pareço uma princesa para vocês?

Gram-negativo virou as costas para buscar mais comida, e Ledi teve que dar razão a ele.

Ela não sabia por que uma golpista tesoliana a escolheria como alvo. Olhou ao redor do pequeno apartamento. Era limpo, mas a mobília era evidentemente de segunda mão, adquirida em bazares beneficentes ou achada no meio da rua. Ela havia pendurado cartões-postais e emoldurado cartazes baratos para tentar dar alguma personalidade à área de estar; o único quadro bonito tinha sido presente de Portia. Como quase tudo

em sua vida, a decoração nascera das sobras de outras pessoas. Os golpistas obviamente precisavam refinar seus critérios de busca.

Ou talvez tivessem acertado em cheio.

O egoísmo de seus pais... Fazia tanto tempo que ela não pensava nos pais, mas os e-mails da tal de Likotsi a tinham feito voltar a se perguntar. Quase chegou a responder, *quase*, mas então lembrou a si mesma que era assim que eles atraíam as pessoas. Talvez houvesse um banco de dados listando crianças que tinham passado da idade de serem adotadas ou reconectadas à família, e aqueles desgraçados o usavam para fisgar suas vítimas.

Ledi respirou fundo, combatendo a confusão de emoções que se misturavam dentro do peito. Não se sentia assim desde os dezessete anos, sentada no dormitório da faculdade enquanto famílias de todos os tipos acompanhavam os filhos na mudança. Quando perguntaram onde estavam seus pais, ela mentia, dizendo que eles já tinham ido embora; era mais fácil do que lidar com os olhares de pena que a verdade provocava. Vários de seus colegas se formaram achando que os pais dela estavam vivos. Não importava; aquelas pessoas eram uma parte periférica de sua vida universitária.

Ledi afastou esses pensamentos desagradáveis.

Os e-mails eram mais do que uma inconveniência. Eram um lembrete do que ela perdera. Mesmo já sendo adulta e tendo construído um belo caminho no mundo, parte dela sempre seria a menina de quatro anos se escondendo no armário de um lar temporário desconhecido, incapaz de processar o fato de que nunca veria os pais novamente.

Ela se lembrava da pele negra do pai e de como o sorriso dele parecia capaz de mover o mundo. Do cheiro de flores e manteiga de cacau da mãe e de seu abraço apertado. Mas era só isso, tirando um ou outro fragmento de memória que às vezes aparecia em sonhos e que se estilhaçava se ela tentasse segurá-lo com muita força. Não sabia quem eles eram, nem quem *ela* era, e cada um daqueles e-mails a recordava deste ponto central: ela estava sozinha.

Gram-positivo chiou e correu para o lado mais próximo de onde ela estava. Pressionou a pata contra a gaiola como se sentisse a tristeza dela. Ela deu um toque leve no vidro, em sinal de gratidão, e suspirou.

Não vai ficar mais patético que isso, pensou Ledi, afastando-se do peitoril da janela e dando poucos passos até a pequena cozinha. *Estou sendo consolada por um Mus musculus.*

O celular vibrou, mas ela o ignorou, certa de que seria mais um e-mail irritante ou Portia querendo saber se ela tinha mudado de ideia sobre os drinques. As duas possibilidades eram igualmente desanimadoras, já que Portia ainda considerava o filme *Se beber, não case!* o ideal de uma noite divertida.

Ledi olhou de relance para o celular, e o brilho da tela chamou sua atenção. Talvez devesse sair de casa. Fazia tempo que não se divertia, e a companhia da melhor amiga era mais saudável do que ficar conversando com camundongos. Mas ao pensar no papo furado com estranhos no bar, ou pior, Portia perguntando o que havia de errado, ela se decidiu. Falar sobre Kreillig e sobre a golpista tornaria tudo real, e Portia certamente tentaria achar uma solução, porque a amiga se dedicava a solucionar qualquer coisa que não fosse ela mesma.

Ledi foi até o freezer. Passaria a noite com Ben & Jerry, que não faziam perguntas e não entornavam o caldo, a não ser de passas ao rum. Eles não a arrastariam para nenhuma roubada, e com certeza não a julgariam por nutrir uma fantasia infantil de que talvez, quem sabe, a golpista de Tesolo estivesse falando a verdade.

Um barulho de britadeira despertou Ledi, que sonhava com as taxas de correções de Bonferroni. O despertador ainda não tinha tocado, o que significava que era cedo demais, ou tarde demais, para qualquer tipo de obra. Ela poderia ligar para a prefeitura e reclamar, mas não adiantaria nada. Seria um telefonema placebo. Ela puxou o travesseiro sobre a cabeça.

O barulho recomeçou quando ela voltava a pegar no sono, e só então percebeu que não vinha lá de fora. O bate-estaca era dentro de casa.

— Ledi! Preciso ir ao banheiro! — disse uma voz conhecida na porta da frente.

Merda.

Portia. Batendo na porta de Ledi no meio da noite em vez de estar em seu próprio apartamento no Brooklyn. *De novo.*

Droga. Lá se vai meu sono REM.

Estava tão cansada que quase chorou por causa do precioso sono perdido. Até poderia fingir que não estava em casa, mas isso teria dois

desfechos possíveis: (1) um dos vizinhos acordaria, talvez fazendo um escândalo; (2) Portia sairia vagando por aí, deixando Ledi preocupada com a segurança dela até chegar em casa. Ambos os resultados acarretavam a perda do sono, logo, atender à porta economizaria tempo e energia, e talvez uma visita ao pronto-socorro.

Amigas são para isso, certo?

Ela se arrastou para fora da cama e destrancou a fileira de fechaduras da entrada. O cheiro característico de pub irlandês a atingiu em cheio ao abrir a porta, e ela franziu o nariz.

— Você está bem? — perguntou Ledi, por hábito. Era também a resposta que dava ao acordar na manhã seguinte com mensagens da amiga bêbada. Portia parecia bem; na verdade, melhor do que bem.

Um dia, Ledi faria um estudo de caso sobre como a amiga parecia sempre tão composta, mesmo estando completamente zoada. A calça *skinny* creme quase não tinha manchas, e a blusa marrom de alfaiataria estava amassada só o suficiente para ser estilosa. Os brincos, o colar e as pulseiras eram uma mistura de estilos – clássico refinado com *boho chic* – que caía muito bem nela. Os cachinhos avermelhados estavam deslumbrantes, com as pontas viçosas, e a pele negra estava limpa e suave, pontuada apenas por algumas sardas.

Só os olhos não pareciam muito bem. Tinham uma desconfiança que costumava aparecer depois de alguns drinques, mesmo quando Portia supostamente estava se divertindo. Era algo que Ledi nunca conseguira entender em todos aqueles anos de amizade. Tampouco tinha conseguido convencer a amiga a conversar com alguém cujo trabalho fosse entender.

— Estou bem. Espero não estar atrapalhando — disse Portia, em voz baixa, ligeiramente arrastada, enquanto apertava os olhos para dentro do apartamento de Ledi. — É só que a gente não se vê há algum tempo, e eu fiquei preocupada quando liguei e mandei mensagens e você não respondeu. A festa depois da vernissage não era muito longe daqui, quer dizer, a festa depois da festa depois da vernissage, que era basicamente eu e o artista na casa dele, então eu decidi passar para ver se você ainda estava viva.

Portia sorriu e deu de ombros, dissolvendo parte da irritação de Ledi. Uma parte bem pequena. Microscópica. Ledi *estava mesmo* ocupada demais para encontrar com ela nas últimas semanas, apesar dos convites

insistentes para jantares, drinques e eventos artísticos variados. Portia tinha ficado preocupada, e ninguém mais se preocupava com Ledi desde a sua transição de lares temporários para uma vida independente. Mas aparecer bêbada na porta de uma amiga no meio da noite não era legal, mesmo que a intenção fosse boa; e aquela não era a primeira vez, nem mesmo a quinta, que aquilo acontecia.

Ledi já havia conversado com Portia sobre isso, como amiga e como profissional de saúde em formação. Em cada conversa, uma Portia repreendida prometia pegar mais leve nas festas enquanto uma Ledi frustrada explicava que não continuaria a aturar palhaçadas de bêbada; as duas engoliam as mentiras com facilidade, porque qual seria a alternativa?

— Ledi? — Havia uma leve nota de pânico na voz dela.

Ledi suspirou.

— Estamos no meio na madrugada, então, sim, você está me atrapalhando. Mas já que veio até aqui conferir se eu não tinha sido morta por um assassino em série, acho que tudo bem — respondeu Ledi, abrindo espaço para ela entrar.

Não está tudo bem.

Portia cambaleou para dentro do apartamento e fez uma curva fechada para entrar no banheiro, que aparentemente tinha sido projetado para contorcionistas.

Ledi foi até a pequena cozinha. Encheu uma garrafa de água e jogou lá dentro um multivitamínico efervescente que ajudaria a evitar a ressaca. Ficou parada por um momento, observando as bolhas através da embalagem plástica transparente e ouvindo seus artigos de higiene sendo derrubados das prateleiras no banheiro. Sentiu o peso de uma pergunta que se esforçava para não fazer.

Não seria bom se alguém cuidasse de mim, para variar? Por experiência própria, a menos que houvesse algum tipo de pagamento envolvido, ninguém estava interessado na tarefa.

Ledi ouviu a descarga e o barulho de alguma coisa se espatifando no chão. Ficou tensa.

— Também queria ver se você estava bem depois daquela coisa toda com Clarence — continuou Portia, ao sair do banheiro esfregando as mãos na calça, como se a conversa não tivesse sido interrompida. Ela

puxou o celular reluzente, pelo menos três gerações mais moderno que o de Ledi e duas vezes maior. — Tenho que comprar outra vela para você. Vou encomendar agora, chega amanhã. E você está precisando muito de umas toalhas de rosto novas. Vou adicionar ao pedido.

Ledi piscou.

Vela? Certo, isso explicava o barulho. Toalhas? As que ela tinha estavam ótimas. Clarence? Ela já tinha superado aquele relacionamento passageiro; uma mensagem inoportuna da “outra” tinha revelado a verdadeira natureza dele. Algumas semanas sem as histórias chatas sobre o mercado financeiro foram o suficiente para entender que Melissa S., que estava “nua e esperando por ele”, tinha sido uma bênção.

— Hum, obrigada? Mas Clarence é passado. Já está arquivado nos anais do *Diário de Embustes de Nova York*. — Ela entregou a garrafa a Portia. — Junto com noventa e cinco por cento dos seus casinhos.

— Ótimo. — Portia ignorou a provocação sobre a própria vida amorosa, se jogou no futon e começou a rolar a tela do celular enquanto tomava golinhos da garrafa. — Será que a gente devia matá-lo? Posso ajudar a esconder o corpo. Você sabe que a minha família é dona de um monte de terras lá para o nordeste. Ah, olha só essas toalhas de rosto com microscópios bordados!

Ela mostrou o celular para Ledi.

— Não precisamos matar Clarence. Ter que conviver com ele mesmo já é castigo suficiente — afirmou Ledi, inclinando-se para olhar a tela. — A estampa é fofa, mas eu posso comprar minhas próprias toalhas.

— Por quê? Eu falei que compraria. E ainda acho que a gente devia dar uma navalhada nele — disse Portia, bocejando.

Ledi balançou a cabeça. Portia *poderia* matar por ela, mas faria isso com uma faca luxuosa da Tiffany, ou de onde quer que fosse que os ricos compravam seus talheres, não com uma navalha qualquer. Se por acaso usasse uma navalha, seria um modelo talhado à mão em alguns dos workshops que ela frequentava, feito de vidro reciclado das praias ou algo do tipo.

Portia era uma eterna estudante, experimentava tudo que desperdasse algum interesse e logo passava para a próxima atividade que lhe chamasse a atenção. Podia se dar ao luxo de flunar, escolhendo impulsivamente onde – e com que seriedade – se dedicaria aos estudos. Ledi tentava não se ressentir disso, e em geral conseguia. Portia não tinha

pedido para ser uma versão feminina de Riquinho, assim como Ledi não tinha pedido para ser Aninha, a Pequena Órfã.

Ledi se deitou na cama ao lado de Portia, puxando um pedaço da coberta que estava embaixo da amiga. Podia dormir um pouco. Para o café da manhã, tinha o grupo de estudos de bioestatística, seguido de um longo turno no Instituto, com mais um pouco de estudo arrematando a noite. Além de mais ansiedade sobre o estágio, se Kreillig não respondesse.

— Ledi? — Portia soltou a coberta e a empurrou na direção dela.

— Que foi?

— Não atrapalhei você de verdade, atrapalhei?

Ledi ainda estava irritada, e não queria encorajar maus hábitos, mas parte dela estava feliz pela visita da amiga. Andava tão consumida pela universidade e pelo trabalho que havia esquecido como era bom interagir com alguém que não tinha nada a ver com nenhum dos dois.

— Não, você não atrapalhou.

Portia respondeu com um ronco leve; já tinha dormido.

Ledi suspirou e ficou encarando a escuridão, totalmente desperta. Não tinha dado muita importância ao término recente, mas agora se perguntava por que Portia estava preocupada com um possível retorno de Clarence. Ledi nunca tinha esperado que o casinho durasse muito para início de conversa. Ela era como um ímã defeituoso; as pessoas tentavam grudar nela, mas havia algo intrinsecamente errado na sua constituição. A hipótese era respaldada por mais de vinte anos de dados, começando pela primeira família adotiva. As visitas bêbadas de Portia no meio da noite eram preocupantes, vá lá, mas Ledi ainda ficava chocada toda vez que a amiga se importava o suficiente para ir vê-la.

É por isso que você atura isso tudo?

Ledi se mexeu no futon, afastando o pensamento desconfortável, mas não foi rápida o suficiente para evitar outro: tinha sido um alívio descobrir a infidelidade de Clarence, porque ele comprovava sua hipótese do ímã. E quando ele deu de ombros e disse “também não é como se você me amasse”, não estava errado. A membrana social mantivera seu coração intacto.

Ainda assim, ela se perguntava como seria deixar alguém entrar. Não Clarence, que tinha sido um namorado do tipo “Somente em caso de emergência”, mas alguém que pudesse refutar de verdade a sua hipótese.

Seria assustador.

Ledi se revirou na cama, tentando se desvencilhar dos pensamentos que ameaçavam aprisioná-la, enquanto Portia resmungava ao seu lado.

Ela estava bem sozinha. Sempre estivera. E se nenhum cara bacana conseguisse atravessar suas barreiras? Tudo bem também.

Ficaria tudo bem.

Ela encarou o teto, tentando se forçar a dormir. Seu cérebro tinha outros planos, levando-a por um tour guiado de todo o trabalho que ela precisava terminar, enquanto explicava como sua incapacidade de fazer isso resultaria em um fracasso total e absoluto. Por fim, como um rato correndo a toda velocidade na rodinha, ela se exauriu pensando em todos os jeitos de como poderia falhar e nas repercussões de cada uma dessas possibilidades, até começar a adormecer.

Meu Deus, siim, isto é muito melhor que sexo, quem precisa de um homem?, ela pensou enquanto deslizava para a doce escuridão do sono – então, o celular vibrou.

Ela resmungou com a cara no travesseiro, o corpo pesado de fadiga, e alcançou o telefone.

De: LikotsiAdelele@ReinoDeTesolo.te

Assunto: O tempo é precioso

Srta. Smith,

Sei que recebeu minhas mensagens e posso ver que foram lidas. Não sei por que ignora minhas tentativas de contato. É imperativo que responda imediatamente, do contrário...

— Filha da puta — rosnou ela.

Desta vez, não deletou o e-mail. Era uma resposta que eles queriam? Pois bem.

De: N.Smith@webmail.com

Assunto: RES: O tempo é precioso

VAI. SE. FODER.

3

— Vossa Alteza.

Thabiso abriu os olhos. A posição na mesa de massagem fazia com que os mocassins italianos da assistente pessoal ficassem diretamente em sua linha de visão. Embora já estivessem no voo para Nova York havia algumas horas, ele tinha certeza de que, se olhasse para cima, Likotsi ainda estaria vestindo o blazer de alfaiataria, o colete e a gravata, e a camisa estaria impecável como se tivesse acabado de ser passada. Fazia muito tempo que ele se resignara a não ser o mais bem-vestido do palácio.

No entanto, ele não olhou para cima. Fechou os olhos e se concentrou nas mãos ágeis da massagista em seu corpo. As pontas dos dedos pressionavam seus músculos, que ainda estavam tensos após três dias de reuniões comerciais estressantes em Lichtenburg. A massagem era um esforço inútil, dadas as reuniões adicionais que o aguardavam em Nova York, mas Thabiso desfrutava do prazer sempre que podia. Os tabloides que especulavam o cotidiano da realeza ficariam profundamente decepcionados quando descobrissem que o solteirão mais cobiçado da África passava a maior parte do tempo estressado com o trabalho e buscando pequenas doses de alívio, como a maioria dos reles mortais.

— Senhor? — insistiu Likotsi.

Thabiso fungou de irritação. Queria apenas relaxar por um momento antes que o avião pousasse e a batalha começasse de novo. Sentia vontade de pressionar as mãos contra os ouvidos e gritar, como fazia quando criança. Seus ataques de pirraça eram lendários, e o rei e a rainha estavam sempre enfatizando a sorte que ele tinha de ser o único herdeiro do trono, de tanto que havia testado a paciência deles.

Enfatizavam que ele era o único herdeiro com bastante frequência. Sem pressão.

O som do mocassim batendo repetidamente no chão acarpetado acrescentou um ritmo perturbador à música relaxante que a massagista

tinha colocado para tocar. Thabiso sabia o que significava: Likotsi tinha algo importante para lhe dizer. Talvez algo relacionado ao acordo comercial com a União Africana.

“Eles nos fazem de tolos com essa oferta, príncipe Thabiso. Temos que rejeitá-la!”

Ou quem sabe outro conflito com os fazendeiros sul-africanos que vinham avançando sobre as terras de Tesolo.

“Se a coroa não proteger nosso território, seremos obrigados a nos proteger, Vossa Alteza.”

Havia também uma empresa interessada nos minérios raros do solo de Tesolo, para uso em telas de celulares e carros híbridos. Do jeito que insistiam, parecia até que esses produtos eram mais importantes que o futuro ambiental de um pequeno reino africano.

“Isso será muito lucrativo para os cofres de Tesolo, Vossa Alteza. Como ministro da Economia, entendo mais desses assuntos que o senhor. Confie em mim.”

Ou talvez, o que era ainda mais preocupante, seus pais tivessem finalmente levado a cabo a ameaça de lhe arrumar uma noiva, já que ele não estava tomando providências para assegurar a linha sucessória dos Moshoeshoe.

“Filho, você adiou esse dever por muito tempo. Nossos súditos estão preocupados com o futuro do reino, e já se fala em mau agouro.”

Parecia que todos precisavam dele, e o número de pessoas que o viam como seu provedor e defensor só aumentava. As responsabilidades eram como areia movediça, afundando-o pouco a pouco desde que nascera. Às vezes, Thabiso tinha certeza de que a pressão o esmagaria. Ele era um príncipe destinado a ser rei, e não havia como se aposentar ou descansar do dever para com seu povo.

Ele queria tanto um descanso. No entanto, essa opção não existia para filhos únicos. Thabiso lutou contra o ressentimento que começava a crescer como uma erva daninha nos cantos mais escuros de sua mente. Ressentimento dos pais, por não terem gerado mais filhos, e do povo, por esperar que ele fosse um príncipe mítico, e não um de carne e osso. Todos se esqueciam do Thabiso que acompanhava o título de príncipe, e, às vezes, ele mesmo também esquecia.

— Meu príncipe?

Ele não podia mais fugir das responsabilidades.

Levantou a cabeça da mesa de massagem e encarou Likotsi. Em vez de estarem turvos de preocupação, os olhos dela estavam grandes e brilhantes. Ela segurava o tablet lustroso que usava para coordenar cada aspecto da vida de Thabiso, das consultas odontológicas aos encontros amorosos, passando pela elaboração de acordos políticos.

— Tenho novidades — anunciou ela, puxando levemente a gravata, um pecado capital e um tique que denunciava sua empolgação.

A curiosidade dele se acendeu.

— Já está bom, Trudy — disse ele, por cima do ombro, para a massagista. Ela fez uma mesura e foi para a área de serviço do jatinho particular, provavelmente para fofocar com a comissária de bordo.

— Essa era Melinda — corrigiu Likotsi. — Trudy foi demitida há duas semanas, depois daquela sua reação infeliz ao óleo de massagem usado por ela durante o voo para o Quênia. O senhor quase a baniu do reino, está lembrado?

— Estou lembrado é da urticária que me atormentou durante as reuniões em Nairóbi — respondeu Thabiso, irritado. — Tive que participar de discussões de vida ou morte, com líderes de nações importantes, enquanto me concentrava em não me esfregar no assento para coçar a bunda. Trudy teve sorte de não ser jogada em uma masmorra.

Likotsi balançava o tablet para a frente e para trás.

— Tenho notícias importantes a dar, a menos que o senhor deseje continuar discutindo essa grave injustiça.

Thabiso franziu o rosto para o deboche dela, mas deixou passar. Likotsi sabia exatamente até onde podia provocá-lo, o que era mais que qualquer um. Em parte, porque ele a admirava, mas também porque não sobreviveria uma semana sem ela, e ambos sabiam disso.

“Seu avô combateu os colonizadores com as próprias mãos, e você não consegue fazer nada sem uma assistente. Ingoka chora.”

— O que é? Mais diretrizes dos ministros? Mais inquietações dos súditos com o meu vestuário ocidental demais, ou com o fato de que sorriu muito, ou muito pouco? — Thabiso jogou as pernas pela lateral da mesa de massagem e se sentou, tentando parecer digno vestido apenas com uma cueca boxer e óleo aromatizado. Não que reclamar de coisas que eram inerentes a sua elevada posição fosse digno, mas ele estava exausto.

Likotsi lançou-lhe um olhar preocupado.

— Tem certeza de que está tudo bem?

— Tenho. — Ele era um príncipe. Óbvio que estava bem. Tinha que estar. — Prossiga.

Likotsi assentiu, e a expressão preocupada logo deu lugar a uma de orgulho.

— O departamento de cultura e relações internacionais do palácio disse recentemente ter recebido uma notificação daquele site de testes genéticos, uma das poucas compatibilidades fora do continente, o que levantou minhas suspeitas. Graças às minhas habilidades formidáveis de navegação na internet, consegui limitar a área à América do Norte. — Likotsi fez uma pausa, como se quisesse saborear os elogios que estavam por vir. Thabiso ficou olhando para ela, que então suspirou e continuou. — Reduzir o mundo inteiro a três países facilitou bastante a minha busca. E talvez isso não tenha sido completamente lícito, mas obtive o nome de usuário do site de testes genéticos e encontrei uma correspondência em um fórum on-line de nerds. HeLaMusa é bem ativa em um site chamado *garotasdeoculos.com* e é também conhecida como Naledi Smith, nascida Naledi Ajoua, tem um endereço de IP em Nova York...

Naledi Ajoua.

Ele estava começando a sentir algo além de agitação: empolgação. Não sentia isso havia algum tempo. O treinamento para governar um reino em geral despertava outras emoções, como frustração, raiva e pânico, pelos menos para quem se importava com seus súditos. E Thabiso se importava bastante.

Seus dedos apertaram a base da mesa de massagem.

— Você disse que tinha algumas informações, mas não me atualizou sobre esses desdobramentos.

— Bom, eu não queria alimentar esperanças. E até... cinco minutos atrás, não havia nenhuma novidade. — Juntando os calcanhares e balançando a cabeça, que era raspada bem rente, Likotsi começou a entoar, como se fizesse um anúncio para a corte de Tesolo: — Ela finalmente respondeu, Vossa Alteza! Sua metade matrimonial misteriosa! Sua primorosa predestinada perdida.

Thabiso agarrou o tablet antes que Likotsi continuasse com as tentativas pavorosas de aliteração.

— Príncipe...

— Shh! —Thabiso fez um gesto com a mão afugentando Likotsi. Sentia a cabeça estranhamente leve e o corpo pesado.

Desde menino, ouvira lendas sobre a noiva prometida, com os pais malvados e egoístas que a tinham levado embora. Cada babá ou preceptor dera um toque pessoal à história, e alguns chegaram mesmo a conjecturar sobre a inevitável reconciliação.

“A vontade da deusa não pode ser negada, meu príncipe! Não se aflija!”

Uma foto da cerimônia de noivado ficava pendurada nos aposentos íntimos do palácio, duas criancinhas bochechudas, em vestimentas coloridas e estampadas, com guirlandas de flores na cabeça. Os olhos da menina estavam radiantes de felicidade enquanto ela brincava com as pétalas que os circundavam, e ele olhava para ela com uma adoração sincera. Infelizmente, nenhuma outra mulher desde então havia sido capaz de evocar aquela emoção. Ele tivera amigas e amantes, mas ninguém que lhe provocasse o mesmo arrebatamento daquela versão mais jovem de si mesmo, eternizada para a posteridade.

A história deles tinha se tornado seu conto de fadas pessoal, ou talvez um dos romances ardentes que ele roubara da biblioteca da rainha na adolescência. Assim como acontecera com os contos de fadas, Naledi fora deixada de lado conforme a realidade da vida adulta se concretizava. Até que, poucas semanas antes, ele tinha cruzado com aquela foto outra vez, e em meio ao planejamento orçamentário, enquanto lidava com ministros inescrupulosos e com a pressão dos pais, um desejo se acendera nele como uma chama. Ele tinha ficado surpreso com a própria esperança desesperada e infantil, inadequada a um descendente dos guerreiros Moshoeshoe. Mas a sentia mesmo assim. E o único jeito de se livrar de uma esperança tão tola era extinguindo-a. Para isso, precisava encontrar Naledi, e tudo indicava que Likotsi havia conseguido.

Será que ela se pareceria com as moças bobinhas que os pais haviam apresentado a ele? Mulheres programadas como autômatos, que faziam de tudo para provar sua subserviência. Ou seria como as mulheres com quem jantava durante as viagens, tão cegas pelo poder que sequer notavam o príncipe debaixo da coroa?

O seu objetivo é se livrar dessa fraqueza, não se refestelar. Se ela for uma idiota, melhor ainda.

— Vossa Alteza — disse Likotsi, estendendo a mão para o tablet como se quisesse tomá-lo de volta. — Sinto muito, mas em meio à empolgação eu falhei em comunicar que a resposta dela foi pouco encorajadora. Acredito que os pais tenham envenenado os pensamentos dela contra o senhor. Não pode haver outra explicação para essa resposta grosseira às minhas mensagens tão educadas.

— Hum. — Thabiso passou o dedão pela tela, revelando as palavras de sua prometida.

VAI. SE. FODER.

O sorriso que moveu suas bochechas foi incontrolável, assim como a risada ridícula que se seguiu. Um membro da realeza não deveria gargalhar como uma hiena histérica; seu professor de etiqueta o teria repreendido. Mas ele leu as palavras em voz alta e riu até as lágrimas começarem a escorrer pela barba.

Quando criança, imaginava Naledi no alto de uma torre em algum lugar distante, prisioneira de um feiticeiro maligno. Acreditava que ela precisava ser salva, e que ele seria seu salvador.

VAI. SE. FODER.

Ah não, Naledi não precisava da ajuda dele.

— Príncipe? — O mocassim de Likotsi tinha voltado a bater no chão. — Não sei o que ocasionou a tentativa de encontrar sua prometida, mas agora que ela respondeu, como deseja proceder em face dessa indelicadeza?

O nariz de Likotsi se retorceu como se ela tivesse sentido cheiro de *mielie pap* queimado. O que não tinha o menor problema, porque Thabiso sempre gostara da parte queimada do mingau de farelo de milho; talvez por ser uma das poucas imperfeições a passar pelos rígidos controles de qualidade em sua vida de príncipe e único herdeiro do reino.

— Essa Naledi parece ter valido a espera. Eu gostaria de conhecê-la. Agora.

Likotsi olhou incisivamente para a janela do avião e depois de volta para Thabiso.

— Certo, não espero que você consiga trazê-la a trinta mil pés de altitude. Quando pousarmos em Nova York, traga-a até mim imediatamente — completou ele.

Likotsi levantou as sobrancelhas.

— Bem, nos Estados Unidos isso configura sequestro, Vossa Alteza. É verdade que o senhor *está* protegido pela imunidade diplomática, mas talvez possamos guardar esse benefício para assuntos mais importantes. Podemos pedir que ela venha ao seu encontro, mas, dada a resposta anterior, eu não apostaria muito nisso.

Um incômodo pouco familiar atravessou Thabiso. Ele queria uma coisa, e não havia garantia de que conseguiria obtê-la. Isso era raro, de fato, e aguçou seu desejo como uma ponta afiada.

— Pois bem. Então eu irei até ela.

Likotsi engasgou de susto, mas quando Thabiso olhou de volta ela já havia obrigado o rosto a retornar a uma expressão neutra de concordância.

— Como o senhor achar mais apropriado — respondeu ela. — Ainda não tenho um endereço residencial, mas acredito ter localizado o local de trabalho. Ela parece ser — outra franzida de nariz — garçone. A que vida os pais a condenaram com sua falta de consideração! Em Tesolo, ela teria uma vida de luxo! Suas mãos seriam suaves e macias como...

— Likotsi!

Ela se encolheu e ajeitou a gravata.

— Perdão.

— Você disse que seria capaz de localizá-la, então prossiga. Preciso de uma distração nessa viagem, e acredito que a encontrei.

— Sim, senhor.

Thabiso ficou sentado na mesa de massagem, sem mais qualquer sinal do relaxamento provocado pelas mãos de Melinda. Os músculos estavam retesados de empolgação... e de medo? Não, não era isso. Era a mesma sensação que ele tinha antes de fazer um discurso importante ou de tomar uma decisão que impactaria seu povo durante gerações.

— Estou nervoso — murmurou ele, para si mesmo.

Fazia tanto tempo que a vida se resumia a uma série de deveres mundanos que até uma eventual ida à nova boate da moda, ou um encontro com a mais nova estrela em ascensão de Nollywood, tinham se tornado apenas mais uma parte do trabalho. Ele não sentia um nervosismo assim em relação a uma mulher desde a primeira vez que tinha feito amor, mas mesmo nessa ocasião tivera *alguma* noção do que

esperar. Naledi era um mistério, e talvez um erro. Um dos aspectos de ser um bom príncipe era evitar erros a qualquer custo, mas dessa vez...

Ele não esperava um “felizes para sempre” como nos romances açucarados de sua juventude. Esperava entusiasmo, e pelo jeito Naledi era capaz de provocar exatamente isso.

